

CINEMA PERNAMBUCANO:
ENTREVISTAS COM PRODUTORES, CINEASTAS, ATRIZ DE CINEMA E GESTOR
PÚBLICO SOBRE MERCADO DE CINEMA EM PERNAMBUCANO*

Williams Santos de Oliveira¹

ENTREVISTAS

As entrevistas seguem o pensamento de Yin, “o tipo de entrevista focada, são espontâneas e assumem o caráter de uma conversa informal, mas você, provavelmente, estará seguindo sua própria linha de investigação que se originam do protocolo de estudo de caso”.² Para facilitar a compreensão do texto, optou-se pela apresentação das entrevistas seguindo uma estrutura específica: primeiramente a descrição dos dados do entrevistado e suas experiências profissionais; na sequência, as perguntas feitas na entrevista e as respectivas respostas. Os currículos aqui destacados foram fornecidos pelos próprios autores.

1. Entrevista com o produtor de cinema Germano Coelho Filho³

Germano Coelho Filho tem vasta experiência na produção audiovisual. Realizou diversos documentários, entre eles: *A peleja do bumba-meu-boi contra o vampiro do meio-dia*, *Saúde e Noronha: a força da vida*, que conquistaram prêmios em festivais nacionais e internacionais. Dirigiu telefilmes para a TV Cultura na série Mestres de Ofício. Produziu o documentário de longa-metragem, *Arciszewski: o conquistador polonês*, uma co-produção Brasil / Polônia / Holanda / Alemanha; o longa-metragem de ficção *Baile perfumado*, marco na retomada do cinema nacional, que conquistou diversos prêmios nacionais e internacionais. Recentemente, produziu o longa-metragem *Deserto feliz*, premiado em vários concursos nacionais, entre eles o Prêmio da Hubert Bals Fund para finalização. Foi selecionado para o Festival de Berlim – Mostra Panorama e classificado para a Competição Oficial do Festival de

¹ Mestre em Gestão Pública pelo Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste (MPANE) – UFPE; graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Faculdades Integradas Hélio Alonso/RJ; especialização em Marketing no Mercado Globalizado pela Universidade Cândido Mendes/RJ; Atualmente é professor titular da Faculdade dos Guararapes; É diretor Artístico, produtor de TV e Vídeo; Tem experiências em campanhas política (Marketing Político) e marketing cultural. E-mail: williamssantosdeoliveira@yahoo.com.br

² YIN, Robert. **Estudo de caso**: Planejamento e método. São Paulo: Bookman, 2003.

³ COELHO FILHO, Germano. **Germano Coelho Filho**: depoimento [14 mar. 2007]. Entrevistador: Williams Santos de Oliveira. Recife, 2007. 1 fita cassete (60 min). p. 2. (Entrevista concedida na Camará Filmes, Recife, PE). Mimeografado.

Guadalajara, Paulo Caldas recebeu o prêmio de Melhor Diretor. Participou ainda da Seleção Oficial do Festival Internacional de Cine Independiente (Buenos Aires). Germano Coelho Filho é dirige a empresa Camará Filmes Ltda., uma produtora de cinema que desenvolve atualmente diversos projetos, entre os quais os filmes de longa-metragem: *Deserto feliz*, *História de um valente*, *Se cria assim* e *1817*, a série de telefilmes *Brasil das águas* e o documentário *Brasília Teimosa*.

Entrevista:

Como é que o senhor vê o cinema pernambucano?

Germano Coelho: O cinema pernambucano vive hoje uma fase única, talvez nunca, na história do cinema pernambucano, tenhamos vivido uma fase tão boa, tão fértil em termos de qualidade, quantidade, repercussão em festivais, em mídia... Em dois anos, Pernambuco ganhou mais de duzentos prêmios entre longas e curtas-metragens. Só o filme *Aspirinas, cinema e urubus*, que foi o filme indicado para o Oscar, recebeu quase setenta prêmios. É um momento reconhecido pela crítica nacional. Na Revista de Cinema, há uma matéria que traz a seguinte manchete: “*O Cinema pernambucano revigora o cinema nacional*”. Já existe um olhar do Sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais para o cinema que está sendo feito aqui. Isso é positivo porque abre uma série de perspectivas para o Estado. Neste momento temos, por exemplo, *Baixio das bestas*, que está percorrendo várias salas dos cinemas brasileiros; *Deserto feliz*, uma produção minha, vai ser lançada em novembro de 2007, além de vários outros filmes que estão sendo montados e filmados. É um círculo que já dura dez anos. Havia cerca de vinte anos que o Recife não fazia uma longa-metragem. *Baile perfumado* foi o percussor de todo esse movimento, foi dirigido por Lírío Ferreira, Paulo Caldas, e eu fui um dos produtores do filme. O filme ganhou o festival de Brasília, foi veiculado na mídia nacional e hoje é considerado em Pernambuco um marco na retomada do cinema pernambucano. Um filme cult. Vários realizadores participaram do filme, como Cláudio Assis, Marcelo Gomes, Adelina Pontual, entre outros. *O baile* foi uma escola. E não podemos esquecer que naquele momento existia o movimento *manguebeat* da música, com Chico Science, Nação Zumbi, que tem um link de linguagem, uma roupagem de estética.

Quais são os maiores problemas que um produtor em Pernambuco enfrenta?

Germano Coelho: Em Pernambuco o principal problema é que nós não temos ainda uma cadeia produtiva, um arranjo produtivo envolvendo diversos segmentos de produção, distribuição e exibição. Outro problema é que nós não temos equipamentos, tanto de captação de imagem como de laboratório. Esse é um problema sério, é uma realidade de mercado. Outro problema é a falta de uma política pública governamental específica para o audiovisual. Por que eu digo “específica” para o audiovisual? Porque o audiovisual hoje tem características complexas envolvendo todas as artes, a indústria, o comércio, o turismo. Se a região não estiver organizada nesse sentido, com certeza seremos engolidos pelo audiovisual americano. Eles têm uma política de dominar as salas de cinema no mundo. Nesta última semana, o cinema americano ocupou 70% das salas de cinema do Brasil, com dois filmes *Homem-aranha* e *Piratas do Caribe*. É a falta de uma política pública que possa regular essa situação. O audiovisual no mundo é visto como uma questão estratégica para um país, para um povo. Estratégica para um país porque o povo se identifica com a sua própria cultura, com a sua realidade, e estratégica porque pode importar sua cultura, vender nossos produtos, nossas belezas ambientais, nossos artistas, para outros países.

O cinema desenvolve outras indústrias, como o turismo, no sentido de mostrar nossos costumes, nossas culinárias, nossos hábitos, nossa terra, fazendo com que as pessoas de outros lugares, ao assistirem nossos filmes, sintam vontade de conhecer nossa terra.

O Governo do Estado deve ter uma política própria e estratégica para o audiovisual. Muitas coisas foram feitas, mas isoladamente. Por exemplo, o Funcultura, Fundo de Cultura do Estado, viabilizou a produção de vários curtas e longas-metragens que estavam encalhados. Mas o concurso Ary Severo continua com dois filmes. Um filme do Ary Severo e outro do Firma Neto, uniram o Estado com a Prefeitura e surgiu um concurso de curtas-metragens. Na questão de fomento sob o aspecto político, a situação é precária. Existe até investimento, mas a política de definição de edital, de orçamentos é muito complicada.

A Fundaj conquistou o CTAv, que foi uma luta da Isabela Cribari, durante quatro anos. Ela trabalhou todo esse tempo para trazer para o Recife o CTAv, que vai atender a todo o Nordeste. Vem uma câmera super 16 mm, digital, iluminação e uma ilha de edição. Isabela Cribari, na sua gestão, vem trabalhando na área do audiovisual com muito afinco. Ela está criando cursos, mostras de cinema nacional e internacional, palestras, cede espaço para as produções nordestinas no cinema da Fundaj, enfim, é uma política focada para o desenvolvimento da região.

Já existe um público para o cinema pernambucano?

Germano Coelho: Sim. E a Fundaj tem uma participação bem significativa nessa conquista.

Como produtor de cinema, quais são as suas sugestões para as Leis de Incentivo à Cultura?

Germano Coelho: Vamos começar pelo Funcultura, ele tem um aspecto muito positivo que é possibilitar que os projetos sejam apoiados sem um caráter comercial. O Fundo de Cultura prima pela expressão cultural do Estado. Ótimo! É um grande apoio à produção artística e cultural da região. Com relação ao audiovisual, existem graves problemas. Primeiro deles: a fórmula de seleção deve ser revista. O edital, especificamente com relação ao formulário da seleção, deve ser modificado. O formulário de cinema deve ser diferenciado das outras áreas artísticas, porque o cinema é uma indústria que trabalha com muitos segmentos, entre eles, técnicos, artísticos e de produção. O formulário é incompatível para uma seleção de filmes, de roteiros, de projetos cinematográficos.

Por exemplo, o edital da Petrobras é específico. A Petrobras Cultural tem edital específico para música, para cinema. O Funcultura, ao contrário, tem um edital, um formulário igual para todas as áreas. Fica incompatível com a realidade do cinema. Eu acho que se deve repensar essa política. O Funcultura apóia o cinema por fases. Fase de desenvolvimento do projeto, fase de pré-produção, fase de produção, fase de finalização e o edital. As pessoas que examinam os projetos, os membros da Comissão Deliberativa, muitos não entendem de cinema. Então fica a dúvida para eles: o objeto do projeto é a fase ou o filme todo? Então o produtor bota o orçamento da fase de produção, o relator da Comissão responde, mas é o valor total do filme. Aí o produtor coloca o valor total do filme, aí o relator responde, o objeto desse projeto não é a produção do filme, é a fase de preparação do filme. O produtor, então, fica perdido por causa da falta de clareza. Daí, minha sugestão, junto com a categoria dos que fazem cinema, que vem se reunindo desde que houve uma abertura do Governo do Estado de Pernambuco de desenvolver uma política estratégica para o audiovisual. Isso mexeu com todos, estamos nos organizando para melhorar, trazer novas sugestões para a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e para os órgãos governamentais. A nossa sugestão é que o edital seja próprio para o audiovisual, vamos dar um nome de: Programa Audiovisual Pernambucano ou Edital de Fomento à Produção Cinematográfica Pernambucana. O formulário deve ser objetivo, específico para o cinema, incluindo longa-metragem, curta-metragem, televisão. Nós produtores, cineasta, entregaremos o modelo de formulário específico para cinema ao

governador e à comissão do Funcultura como sugestão. É necessário ter um fundo para o audiovisual.

Essa proposta foi sugerida pelo governador Eduardo Campos. No Governo Jarbas Vasconcelos já havia uma política, na gestão Bruno Lisboa, por meio da Fundarpe, de investimentos nos projetos, nos filmes que estavam encalhados. Era uma pré-política eu diria, porque, eu acho que uma política tem que estar definida na lei e nos decretos de regulamentação. Um programa de incentivo ao audiovisual teria que ter uma lei criando os mecanismos de funcionamento. Essa lei seria com recursos do Estado e com recursos de parceiros. O secretário do audiovisual, Orlando Sena, chegou a nos dizer que o que Pernambuco colocasse no edital de cinema ele seguiria, colocando o mesmo valor, cobriria a proposta. Então, existe um interesse do Governo Federal de se juntar para transformar esse edital. E que envolva três, quatro longas por ano. Que envolva uns dez curtas, que seja uma ação estratégica, consistente, que fique por longo prazo.

Qual um outro problema do Funcultura?

Germano Coelho: Orçamento. O edital amarra itens do orçamento e o produtor se vê diante da necessidade de comprovar detalhes, isso porque a produção cinematográfica de vez em quando sofre alterações. Por exemplo, se tiver um bode em cena e eu tiver que sacrificar o animal, tenho que ter o recibo, mas se houver qualquer problema e a filmagem não puder usar mais o bode, isso já pode gerar um problema. A sugestão é ter uma flexibilidade para mudanças dentro do set de filmagem e depois comprovar as mudanças necessárias. Também é preciso aproximar as pessoas da comissão para a realidade da filmagem. Ficar próximo. Acompanhar para saber como funciona. A Ancine pode enviar um técnico e mostrar a realidade de um set de gravação. Hoje, se o produtor precisar mudar qualquer item do orçamento, tem que comunicar à comissão, tem que reunir todos, isso leva uns quinze dias aproximadamente.

E o Sistema de Incentivo a Cultura (SIC), da Prefeitura do Recife, funciona bem?

Germano Coelho: No geral, os incentivos à cultura (federal, estadual e municipal) são mínimos. Há pouco dinheiro dentro do SIC. Nós recebemos R\$ 38 mil (trinta e oito mil reais) para o desenvolvimento do roteiro do longa-metragem *Deserto feliz*, que será lançado em novembro, mas que já ganhou prêmios em festivais em Berlim e em Cuba. Foi um dinheiro plantado e que frutificou. Permitiu à produção fazer os estudos de locação. Foi para

as primeiras viagens ao sertão, para pagar um cachê aos roteiristas, preparar o material gráfico, investir na área de fotografia... Ou seja, agregar valores no projeto, tanto com relação ao roteiro como à pesquisa. Esse dinheiro foi muito importante. Mas o valor máximo do SIC para cinema é de R\$ 50 mil (cinquenta mil reais), é muito pouco. Um curta finalizado em 35 mm custa R\$ 150 mil (cento e cinquenta mil reais). O valor total de investimento em cultura do SIC é pequeno. A divisão para as áreas de teatro, dança, cinema, música entre outras, é pequena. A sugestão que eu dou para melhorar o SIC é a divisão do edital. Para o curta-metragem o valor deveria chegar bem próximo do total do filme. Para o longa-metragem penso que deveria ser de 30% do filme e o restante o produtor faria a captação. O longa-metragem tem mais facilidade de captar recursos.

Existem captadores de recursos para o cinema?

Germano Coelho: Captadores de recursos, essa é uma etapa que vem se formando. Por exemplo, a Petrobras contrata equipes para selecionar os projetos que ela vai apoiar. A realidade hoje é que o produtor de cinema capta recursos através dos editais. Essa é a realidade mais vivida no presente. Os editais eliminam o captador.

O Recife tem mão-de-obra qualificada para cinema?

Germano Coelho: Se tivermos dois longas-metragens rodando ao mesmo tempo, não temos mão-de-obra técnica suficiente. Artístico é relativo. O que sustenta a mão-de-obra técnica é o mundo publicitário. Temos uma carência de mão-de-obra. O mercado é o Sudeste. Nós não temos escola.

2. Entrevista com a diretora de Cultura da Fundação Joaquim Nabuco Isabela Cribari⁴

No início de 2003, Isabela Cribari assumiu a Diretoria de Cultura da Fundaj e desde então tem exercido forte atuação no setor audiovisual, na produção, exibição, reflexão, fomento e arte educação. Com cerca de cem funcionários lotados em sua Diretoria, ela dirige uma editora de livros, uma produtora de audiovisual, três galerias de arte contemporânea, uma sala de videoarte e um cinema. Trabalhou nas seguintes produções: *Árido movie*, dirigido por Lírio Ferreira; *Deserto feliz*, dirigido por Paulo Caldas; *Vinil verde*, dirigido por Kleber

⁴ CRIBARI, Isabela. **Isabela Cribari:** depoimento [18 out. 2006]. Entrevistador: Williams Santos de Oliveira. Recife, 2006. 1 fita cassete (60 min). (Entrevista concedida na Fundaj, Recife, PE). Mimeografado.

Mendonça Filho; *O prisioneiro* e *Entre paredes*, dirigidos por Eric Laurence. Em 2005, o filme *Entre paredes* recebeu os seguintes prêmios: Melhor Filme, prêmio da Crítica, Melhor Direção, Melhor Montagem, Melhor Trilha Sonora, Prêmio Aquisição Canal Brasil, todos do Festival de Gramado. No Festival de Cinema de Pernambuco, ganhou os prêmios de Melhor Curta Ficção, Melhor Ator e Melhor Fotografia. No Cine Ceará, Melhor Montagem, Melhor Som, Melhor Trilha Sonora, Melhor Curta-Metragem / Troféu Samburá / Fundação Demócrito Rocha. Além desses prêmios, o filme *Entre paredes* também teve indicações para: a) Festival de Roterdã, Holanda, 2006; b) Festival de Huesca, Espanha, 2006; e c) Festivais de Contis, França, 2006.

Entrevista:

Qual é a visão que a senhora tem do cinema pernambucano, hoje?

Isabela Cribari: Hoje, o cinema pernambucano está vivendo um dos melhores momentos da história. Pernambuco sempre teve vocação para o cinema, você comprova isso no livro do Figueiroa, *A história dos ciclos do cinema*, ou seja, a história do cinema pernambucano sempre teve destaque. Destaque nos documentários, nos super 8, nos curtas-metragens, com qualidade reconhecida no país. Só que ficou muito tempo sem incentivo. O nosso cinema é artesanal. É feito à mão. Nós não podemos falar em indústria do cinema se não temos escola técnica, nem superior. Como é que podemos falar em indústria do cinema, se nós não temos distribuidora, não temos salas para exibir nossas produções, técnicos, entre outras coisas. Ainda há de se brigar muito, mas, ainda assim, Pernambuco é destaque. Tem vocação para essa arte e está havendo um reconhecimento nacional, por conta de *Baile perfumado*, do Lício Ferreira.

Qual foi o momento em que houve mais incentivo da gestão pública para o cinema pernambucano?

Isabela Cribari: O Governo Jarbas no primeiro mandato começou a perceber a importância e o poder do cinema e passou a colocar a sua marca como uma forma de retorno dessa política cultural, de marketing mesmo. Abriram um pouco o cofre e o retorno nos investimentos foram bons. O cinema pernambucano começou a ganhar prêmios em festivais de âmbito nacional e internacional, e ganhou retorno em mídia nacional e prestígio. Depois disso, Jarbas, no seu segundo mandato, aumentou as verbas de incentivo ao audiovisual. Mas existe uma falha grande: Pernambuco ainda não tem edital para longa-metragem. A Bahia tem

e destina R\$ 1,2 milhão (um milhão e duzentos mil reais) para o longa-metragem por ano. O Ceará já tem. Isso no Nordeste. Eu posso dizer que tivemos um apoio, sim, mas tímido ainda. A Associação Brasileira de Documentarista (ABD) elaborou um documento para pleitear ao próximo Governo as pretensões que a categoria almeja conquistar. O Governo municipal do PT vem trabalhando mais intensamente na política Multicultural, eles não tão trabalhando muito no sentido de financiar a produção, mas na formação de mão-de-obra, ensinando como se faz um vídeo, em suma, despertando nas comunidades essa linguagem audiovisual. Incentivar o produtor, incentivar o cineasta a produzir, isso quem está fazendo são os Governos Federal e Estadual.

Existem políticas públicas para o cinema em Pernambuco?

Isabela Cribari: Existe uma política de incentivo que é a de formação de mão-de-obra para despertar para o audiovisual, mas não temos uma política de formação, uma política de disponibilização de equipamentos, uma política ainda de exibição. O Governo do Estado parece que tem um programa que está recebendo apoio do Promata para recuperação dos cinemas no interior. Tudo ainda muito preliminar E eu como gestora da Fundaj, vou dizer o que fiz e o que não fiz e o que gostaria de fazer e o que eu deixo de idéias para a sucessora. A Fundaj é uma instituição federal ligada ao MEC, é muito conhecida pelas ações que desenvolve no Estado, possui um raio de ação muito amplo, mas sem orçamento compatível para abranger todas essas ações. Então, dentro dessa realidade, nossas ações partem para as seguintes estratégias: parcerias.

A Fundaj tem uma produtora e possui alguns documentários. Faz muitas vendas de fita, tem um acervo importante, e voltado para as coisas do Estado. Ampliamos o espectro para uma política de documentários culturais e focado para exibição, não vendemos as fitas em feiras, temos uma veiculação. Fizemos parcerias com TV escola, TV educativa, TV Senado, TV Pernambuco para atender a uma audiência de 30 milhões de pessoas que assistem às programações culturais. Trabalhamos temas de interesse social, cultural, portal da criação, propriedade intelectual, repente, folclore... Abrimos a Massangana Multimídia, que é a produtora da Fundação, para produção cultural independente, e a colocamos à disposição da produção cultural. Abrimos edital e a cada ano são aprovados dois projetos de documentários que trabalhamos são trabalhados desde o fomento, o patrocínio, os equipamentos, a equipe técnica, a produção, a finalização, a edição, o lançamento até a veiculação, e o produtor pode levar seu filme aos festivais.

Estamos na terceira edição desse projeto e a cada edição dobramos o patrocínio feito em parceria com a CHESF. Também criamos um programa de reflexão, documentário em pauta, trazemos documentaristas, realizadores de todo o país para exibir seus filmes de documentários, discutir na prática a realidade do filme em todos os detalhes. Roteiro, produção, efeitos, enfim, tudo de interesse da classe cinematográfica. Também estamos trabalhando a formação de platéia, de público voltado ao cinema pernambucano no cinema da Fundação. E com mostra itinerante, nas periferias, no interior. Criamos as mostra internacionais, como a africana e a francesa. A africana teve 40 (quarenta) filmes entre curtas, médias e longas-metragens e percorremos cinco Estados. Temos que ver também o cinema indiano, o japonês, o árabe, enfim, temos que ver outros formatos. Organizamos cursos como direção de arte, edição de som, assistência de direção, de continuidade, documentário jornalístico, são cursos para a região inteira. Os cursos são gratuitos, mas temos uma seleção e com apresentação de carta de interesse. Damos prioridade a quem trabalha na área. É formação de mão-de-obra.

A senhora tem alguma proposta relacionada a uma escola de formação para o cinema?

Isabela Cribari: Existe esse projeto. Foi apresentado ao MinC, que é o CTAv Regional. Um Centro voltado à tecnologia audiovisual para Pernambuco. No Brasil só existe um CTAv, no Rio de Janeiro, para atender ao Brasil inteiro. Ele dá acesso aos meios de produção, tem câmera de cinema, iluminação, equipamento de som, é distribuidora, você pode assistir a todos os filmes, comprar, e tem cursos também de formação de mão-de-obra. Pensamos em trazer para o Recife. Apresentamos o projeto e agora é aguardar o resultado. Estamos brigando por esse projeto desde 2003. Orlando Senna está estudando.

Quais são os maiores problemas que uma produção cinematográfica enfrenta no Recife?

Isabela Cribari: Com relação à mão-de-obra necessária para o cinema pernambucano, o som é o maior problema. Fazer cinema no nordeste requer coragem, ânimo e gás. Para se fazer cinema é preciso começar com uma idéia e depois vender a um patrocinador. E aí é que vêm os problemas. Que patrocinador? Depois vem a produção. A produção tem que estar afinada com a direção e com o roteiro. Tem que haver link entre equipe técnica e artística. Depois vem a captação de recursos. Em Pernambuco, nós temos três

formas de incentivo. No município, temos a Lei do Sistema Incentivo à Cultura, aberta duas vezes por ano, que se dá através do ISS.

A Lei estadual, o Funcultura, por meio do ICMS, e a Lei federal, a Rouanet, pelo Imposto de Renda. E a Lei do Audiovisual. Na Lei municipal, o produtor entra com o edital e se o projeto for aprovado e passar pela curadoria técnica, então há uma autorização para captar o dinheiro. Daí o produtor tem que descobrir quais são as empresas que pagam bastante ISS. O valor para captação é de R\$ 30 mil (trinta mil reais). É preciso especificar no edital em que vai usar esse dinheiro. A prestação de contas é feita por nota fiscal e quem julga a validade do orçamento é o Tribunal de Contas. A empresa que financiar a produção com o ISS tem direito ainda de associar a sua marca ao filme. Na Lei estadual, a do ICMS, o Funcultura, que hoje é um fundo de investimento, o produtor precisa preencher um cadastro e tem seis meses para apresentar o projeto. A planilha de orçamento é complicada e depois ainda tem o resultado, ou seja, se o seu projeto foi contemplado ou não. O valor é de até R\$ 50 mil (cinquenta mil reais). A comprovação é feita por notas fiscais, cupom fiscal. A operacionalização do Fundo é complicadíssima. A contabilidade idem. Essa Lei federal, a Lei Rouanet, também tem um cadastro no que diz respeito à captação de recurso. A empresa que investir em cultura tem até 4% de desconto no imposto a pagar. O retorno da marca associada ao produto artístico, o filme.

3. Entrevista com o produtor de cinema João Vieira Júnior⁵

João Vieira Júnior estudou Direito e Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco. Criou a REC Produtores Associados em 1998 com os sócios Chico Ribeiro e Ofir Figueiredo, empresa produtora de filmes e documentários. Produziu *Cinema, aspirinas e urubus*, primeiro longa-metragem de Marcelo Gomes, premiado na Mostra Un Certain Regard e indicado brasileiro ao Oscar de Filme Estrangeiro em 2007.

João Vieira Júnior assina a produção executiva dos filmes *O céu de Suely* de Karim Ainouz, selecionado para o Festival de Veneza – 2006 e grande vencedor do Festival de Havana – 2006 e *Baixio das bestas* de Cláudio Assis, selecionado para a mostra competitiva de Roterdã – 2007 e grande vencedor do Festival de Brasília – 2006.

⁵ VIEIRA JÚNIOR, João. **João Vieira Júnior**: depoimento [04 abr. 2007]. Entrevistador: Williams Santos de Oliveira. Recife: ed. do autor, 2007. 1 fita cassete (60 min). (Entrevista concedida na Fundaj). Mimeografado.

O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas, premiado no É Tudo Verdade – 2001, Festival Internacional de Brasília – 2001 e Festival do Novo Cinema Latino-Americano de Havana – 2001.

Está desenvolvendo os projetos *Boa sorte, meu amor*, de Daniel Aragão; *Tatuagem*, de Hilton Lacerda e *Era uma vez Verônica*, segundo filme de Marcelo Gomes. Em pós-produção, realiza o documentário *Viajo porque preciso, volto porque te amo*, de Marcelo Gomes e Karim Ainouz e o documentário *KFZ-1348*, de Marcelo Pedroso e Gabriel Mascaro.

Entrevista:

Quais são os maiores problemas que um produtor cinematográfico enfrenta no Recife?

João Júnior: Patrocínio. Captação de recursos. Conseguir o dinheiro dentro do tempo programado da produção. Produzir filme é uma atividade cara e de longo prazo. É uma atividade industrial, muito qualificada, essa é a nossa maior preocupação.

Qual o tempo que o senhor tem para captar recursos?

João Júnior: Não existe prazo determinado. Depende do tema. Importante é a história, para gerar o interesse do investidor. Temas que foquem aspectos sociais como violência, sexo, droga, enfim, temas fortes. Um produtor deve ter vários projetos, simultaneamente. No Brasil, o modelo de produção não segue o modelo americano, lá os produtores são investidores, aqui nós precisamos do apoio estatal, o Estado tem que financiar a produção executiva para defender a identidade cultural, para defender os artistas do país, para que o povo brasileiro se identifique com o filme que nós fazemos, para que perceba a nossa realidade. O Estado tem que ser um financiador do cinema nacional por uma questão estratégica da cultura cinematográfica. Nós produtores temos compromisso com a cultura do nosso país. O dinheiro não sai do nosso bolso.

Como o senhor capta recursos?

João Júnior: Por intermédio dos editais da Petrobras, do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), inscrevo os projetos nas Leis de Incentivo à Cultura, na federal, na estadual e na municipal. Também há a Lei do Audiovisual, específica para o cinema, e a Lei Rouanet. Também há as empresas privadas, é um outro caminho, árduo, difícil, longo,

mas superimportante. É importante para os produtores de cinema contar com o apoio dos editais das estatais, como a Petrobras, uma grande financiadora do cinema brasileiro. O segundo grande financiador do cinema brasileiro é também um órgão estatal, o BNDES.

Existe o captador de recursos para o cinema? O senhor trabalha com o *marketing* cultural?

João Júnior: Eu trabalho com o *marketing* cultural, porque lanço os meus filmes associados às marcas das empresas que apóiam e produzem. Eu não trabalho com *marketing* cultural no âmbito da captação de recursos. Não conheço, no Recife, captador de recursos. Profissional que viva de captação para o cinema. Os produtores de cinema dependem muito dos editais dos órgãos do Governo, essa não é uma atividade para o marqueteiro cultural, captador de recursos no cinema. Preparar um projeto, justificá-lo, entender como ele se adapta aos editais, plano financeiro, distribuição, tudo isso é tarefa do produtor, não do marqueteiro.

Existem empresas privadas em Pernambuco que colocam sua marca em filmes pernambucanos?

João Júnior: O mercado em Pernambuco tem empresas grandes, mas existe certa dificuldade no sentido de aceitarem a associação de sua marca ao filme. É uma questão cultural, talvez. Eu reconheço que há dificuldades. A atividade cinematográfica não está ainda na prioridade de *marketing* das empresas. Não percebo interesse dessas empresas em produzir, patrocinar cinema. Neste momento, vem a importância do captador de recursos, do marqueteiro cultural, para fazer a ligação da obra de arte com a empresa financiadora.

O senhor quer dizer que para se produzir cinema no Brasil é preciso contar com incentivos públicos?

João Júnior: Sim, 70% da produção cinematográfica nacional é feita por intermédio de incentivos públicos. Os outros 30% vêm da captação dos benefícios fiscais das leis culturais. As empresas privadas têm descontos em impostos.

Em Pernambuco temos as Leis de Incentivo do Estado, o Funcultura, e da Cidade do Recife, o SIC. Essas Leis funcionam?

João Júnior: A Lei de Incentivo do Estado de Pernambuco é o Funcultura, é melhor para se trabalhar. Ele está crescendo e se aperfeiçoando com o passar do tempo. No início, o produtor recebia um certificado que o qualificava para captar financiamento na empresa

privada, ao destinar o financiamento, essa empresa era beneficiada pela renúncia fiscal, então o Governo entendeu que isso saía diretamente do cofre dele e daí passou a “tirar”, ele mesmo, do seu cofre para a produção cinematográfica local. Com isso, o Governo pôde criar uma política pública para o cinema, para a cultura como um todo. O orçamento hoje está em torno de R\$ 4 milhões (quatro milhões de reais) para a cultura. É um avanço enorme nessas estratégias. As restrições ao Funcultura estão no formulário e na prestação de contas.

Por exemplo, no formulário deve-se colocar o orçamento todo detalhado, mas, na prática, a produção do cinema é um processo dinâmico, existem imprevistos, é arte, pode queimar uma lâmpada, quebrar uma câmera, isso não consta no orçamento e daí surge um grande problema. Porque toda vez que isso acontece, é preciso reformular todo o projeto e pedir nova verba. Na Lei de Incentivo federal e na do Audiovisual, esses problemas podem ser justificados. Tudo pode ser justificado com as notas fiscais. Em nenhuma dessas leis você pode gerar patrimônio. Por exemplo, se eu preciso de um projetor de vídeo para fazer exibição durante um ano, e vai ser mais barato comprar do que alugar, logo depois que acabar o projeto eu tenho que doar a uma sociedade, a uma empresa sem fins lucrativos ou ao próprio Estado. Os incentivos não são feitos para criar riquezas, e sim para viabilizar produção. Longa-metragem, o Funcultura não incentiva todo o projeto, um filme de longa-metragem pode custar R\$ 2 milhões (dois milhões de reais), mas no máximo o Funcultura libera R\$ 150 mil (cento e cinquenta mil reais). Um longa-metragem não é feito só com recursos do Estado, é feito também com as Leis federais e a do Audiovisual. Um curta-metragem sim. Um curta pode ficar na faixa de R\$ 80 mil (oitenta mil reais) a R\$ 120 mil (cento e vinte mil reais). Com relação ao Sistema de Incentivo à Cultura do Recife, o valor do orçamento é muito pequeno. Limitado. O teto é de R\$ 1 milhão (um milhão de reais) para todo o segmento cultural. Teatro, dança, cinema, circo, artes plásticas, etc. Um longa recebe da Prefeitura do Recife R\$ 40 mil (quarenta mil reais), é muito pouco para um filme. No Brasil, um filme longa não se faz com menos de R\$ 1,5 milhão (um milhão e quinhentos mil reais). A Lei do Audiovisual dá desconto de 100% ao investidor no imposto de renda. Na Lei do Audiovisual a empresa não é um patrocinador, mas sim um investidor. Tem participação na bilheteria do filme. E também o produtor não capta diretamente, isso só pode ser feito através de corretora de valores e a relação é regida pela Comissão de Valores Mobiliários. São cotas que o produtor cinematográfico coloca no mercado, como ações de uma empresa, e as empresas se associam no projeto. O Governo vê isso como fomento ao cinema. A estratégia do Governo é que o mercado veja tudo isso como um investimento e passe a financiar o cinema por intermédio da Lei do Audiovisual. Então o produtor coloca esses títulos no mercado, que é

regido pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), mas quem fiscaliza são as corretoras mobiliárias. Isto é a Lei do Audiovisual.

Qual a importância das ações da Fundação Joaquim Nabuco para o cinema pernambucano?

João Júnior: A Fundaj contribui para a formação de plateia através do cinema de arte. Por intermédio da diretora de Cultura da Fundaj, Isabela Cribari, da Fundarpe, dos produtores de cinema de Pernambuco, de Taciana Portela, o Recife vai sediar o CTAv. É um centro técnico ao qual se tem acesso a equipamentos de cinema, os produtores pagam uma parcela bem pequena, como um aluguel, e dispõe de câmera de cinema digital, iluminação, maquinaria e uma ilha de edição. E a qualificação da mão-de-obra, com oferecimento de cursos e oficinas. É de extrema importância para o cinema em Pernambuco.

4. Entrevista com a cineasta Kátia Mesel⁶

Kátia Mesel é roteirista, produtora e diretora de cinema. Começou a fazer filmes em 1984 e de lá para cá não parou mais. Em seu currículo: a) *Bajado* (1984), roteiro e produção; b) *Oh de casa* (1985); c) *Olinda só riso / Sulanca* (1986); d) *São João em Santa Cruz mercados de São José* (1987), roteiro e produção; e) *Recife de dentro pra fora* (1997), curta mais premiado da década de 1990 com 27 prêmios nacionais e internacionais, traduzido para o inglês, o francês, o espanhol e o chinês; f) *E um lagostim pra beliscar* (1998); g) *Dar realidade ao sonho* (1999); h) *Tô ligada* (2000); i) *Chaudron* (2002); j) *Yemanjá Ogum te* (2004); l) *Fora do eixo* (2005).

Com a criação da Arrecife Produções, Kátia Mesel realizou comerciais e uma série de documentários em película. Entre eles, há um que encanta em especial pela visão original do rio Capibaribe e pela poesia de João Cabral de Melo Neto: *Recife de dentro pra fora*, são 15 minutos descendo o rio Capibaribe, embalado pela trilha sonora de Geraldo Azevedo. São muitas histórias pernambucanas, em mais de duzentos vídeos sobre a cultura nordestina realizados por Kátia Mesel entre 1991 e 1993 para o programa *Pernambucanos da Gema* da TV Pernambuco. Sempre à disposição da melhor cultura nacional, a Arrecife Produções já

⁶ MESEL, Kátia. **Kátia Mesel:** depoimento [18 abr. 2007]. Entrevistador: Williams Santos de Oliveira. Recife, 2007. 1 fita cassete (60 min). (Entrevista concedida na Arrecifes Produções, Recife, PE). Mimeografado.

teve seu rico acervo exibido em países como França, Portugal, Espanha, Itália, Suíça, Estados Unidos, Alemanha, Grécia, China e em vários Estados do Brasil em mostras e festivais

Entrevista:

A senhora pode fazer um apanhado do cinema pernambucano nesta fase de 2003 a 2006?

Kátia Mesel: Temos professores, críticos, teóricos, escritores, roteiristas, fotógrafos, festivais, mostras, cineclubes, órgão de classe, sindicato, dissidentes, oponentes. Temos agora, um curso de Cinema Digital na Faculdade Maurício de Nassau, temos Comunicação, Publicidade, o curso técnico de Rádio TV e várias oficinas de Audiovisual ministradas por profissionais daqui e de fora. Temos um Festival Nacional de Cinema, o Cine PE, considerado dos melhores, e a Mostra de Vídeo. Temos finalmente um CTA_v Regional. Não temos em Pernambuco um laboratório cinematográfico que atenda à região para fazer revelação, copiagem, telecinagem, nem produtoras de finalização ou distribuidoras. O DOC TV contempla um vídeo por ano e garante a exibição em TVs públicas.

Temos o concurso Ari Severo e o Firmo Neto para curta-metragem que escolhe só dois filmes por ano, embora todos os filmes pernambucanos, curtas e longas, sem exceção, tenham sido premiados nos festivais onde concorreram no Brasil e no mundo.

Com os vídeos acontece a mesma coisa, todos que são selecionados para festivais voltam com prêmios. Não temos nenhum edital para longa-metragem. Fazemos aqui todos os formatos audiovisuais, bitolas, gêneros, mídias, curtas, médias, longas, 1 minuto, super 8, 16 mm, 35 mm, telefone celular, vídeos, games, videoclipe, videoarte, documentários, ficção, experimentais, animação de desenho, massinha, barro, e principalmente o *mix* de algumas dessas técnicas. E temos também uma Lei nacional e uma Lei municipal que falam da obrigatoriedade de se exhibir curtas-metragens antes dos filmes estrangeiros, porém essas exigências não são cumpridas.

Já existe um público para o cinema pernambucano?

Kátia Mesel: Claro que sim, não só aqui, mas em todo o Brasil os filmes de Pernambuco, curtas ou longas-metragens, são sempre esperados com curiosidade e atenção, e, como já foi dito, temos uma altíssima média de premiação nos festivais nacionais e internacionais.

Quais são os maiores problemas para um cineasta pernambucano?

Kátia Mesel: Falta de incentivo. E também a necessidade de ser encarado como o realizador de uma atividade estratégica; falta laboratório, mixagem de som, finalização, falta um edital para longa-metragem... Se tivéssemos conquistado esse acordo da ABD, em 1984, não estariam acontecendo essas aberrações, como os resultados dos últimos editais do BNDES, da Ancine, da Telemar, da Petrobras, que no início de julho de 2006 anunciou 17 (dezessete) prêmios para o Rio de Janeiro, 3 (três) para São Paulo, 6 (seis) para o resto do Brasil e nenhum para Pernambuco. Esses dados são fulminantes.

Por essas e outras é que os cineastas daqui têm que ir embora, arribar. Embora digam que Pernambuco Faz Cinema, não temos nenhum edital para longa-metragem. Todos os diretores de longa-metragem de Pernambuco, Paulo Caldas, Marcelo Gomes, Lírío Ferreira, Cláudio Assis, Heitor Dahlia, moram no eixo Rio–São Paulo, salvo Jr. Franklin e eu. Isso sem falar de Guel Arraes e João Falcão que tiveram sua formação cinematográfica no Rio. Mas as dificuldades são infinitamente maiores, pois os editais nacionais muito raramente selecionam filmes de Pernambuco. Em contrapartida o Governo de Pernambuco de 1999 para cá, pelo projeto *Pernambuco Faz Cinema*, investiu em 12 (doze) longas-metragens, sendo 8 (oito) do eixo Rio–São Paulo e 4 (quatro) daqui, é jogo duro! Os longas-metragens foram: a) *A máquina*; b) *Programa do case*; c) *O coronel e o lobisomem*; d) *Orange de Itamaracá*; e) *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*; f) *S@udades.com*; g) *Viva São João*; h) *Cinema, aspirinas e urubus*; i) *Lisbela e o prisioneiro*; j) *Árido movie*, embora filmado totalmente em Pernambuco não é considerado um filme pernambucano porque a produtora é carioca e o diretor mora no Rio; h) *Deserto feliz*; i) *Espelho d'água*.

As Leis de Incentivo à Cultura são eficientes? Funcultura, SIC, Rouanet, Audiovisual, fale um pouco sobre elas.

Kátia Mesel: O SIC da Prefeitura em cinco anos contemplou 26 projetos de audiovisual. No máximo R\$ 50 mil (cinquenta mil reais). Em 2003 foram aprovados 4 (quatro) curtas-metragens e 1 (um) projeto de exibição no valor total de R\$ 118 mil (cento e dezoito mil reais). Foram eles: a) *Henry Koster – o nordeste popular*; b) *CinEscola Móvel*; c) *Êxito d'rua*; d) *Tráfego local*; e) *Persona pernambucana*.

Em 2004, o SIC aprovou 5 (cinco) projetos, sendo 2 (dois) longas-metragens, 1 (um) de exibição e 2 (dois) curtas-metragens, num total de R\$ 129 mil (cento e vinte e nove mil

reais), a saber: a) *Árido movie*; b) *Baixios das bestas*; c) *CinEscola Móvel*; d) *Copo de leite*; e) *Samba de matuto*.

Em 2005, tivemos 5 (cinco) curtas-metragens aprovados, foram investidos R\$ 84,6 mil (oitenta e quatro mil e seiscentos reais). Os curtas foram: a) *Nação molambo*; b) *O caso da menina*; c) *Quando a maré encher*; d) *Ligações*; e) *A história da eternidade*.

Em 2006, tivemos 7 (sete) projetos aprovados, num total de R\$ 200.415,00 (duzentos mil quatrocentos e quinze reais), a saber: a) *Deserto feliz*; b) *Cinco e meia*; c) *Por uma tecla*; d) *Pernambuco do nordeste do Brasil*; e) *Quirino*; f) *Menino-aranha*; g) *CinEscola Móvel*.

Foram realizados também 28 (vinte e oito) curtas-metragens e 29 (vinte e nove) vídeos com patrocínio do Estado, por intermédio do Funcultura ou direto. Os curtas-metragens: a) *A vida é curta*; b) *Três contos de réis*; c) *Véio*; d) *Até o sol raiá*; e) *Fuloresta do samba*; f) *Schenberguianas*; g) *Ventilador*; h) *Nóis sofre mas nóis goza*; i) *O teatro e a música de Valdemar de Oliveira*; j) *A visita*; k) *Curta digit@l*; l) *Mulheres de Tejucupapo*; m) *Entre paredes*; n) *É mais fácil um boi voar*; o) *Porcos corpos*; p) *A figueira do inferno*; q) *A história da eternidade*; r) *Isabel*; s) *O homem da mata*; t) *Vinil verde*; u) *Paixão de cinema*; v) *O mundo é uma cabeça*; w) *Êxito d'rua*; x) *O som da luz do trovão*; y) *Mercado de São José*; z) *Seu Juca: o letrista pernambucano*; a) *Eletrodoméstica*; b) *Rapsódia para um homem comum*.

Entre esses filmes de longa e curta-metragem, e vídeos, aproximadamente 4,5 mil (quatro mil e quinhentas) pessoas estiveram envolvidas como técnicos, artistas, produtores, figurantes e fornecedores diretos e indiretos.

A maioria dos filmes e vídeos realizados aqui é composta por uma equipe totalmente pernambucana, além da trilha sonora, que geralmente é composta, executada e gravada aqui.

Já existe política cultural para o cinema em Pernambuco?

Kátia Mesel: Existe a intenção. É daqui de Pernambuco o vice-presidente da Comissão Parlamentar de Defesa do Audiovisual brasileiro, que é o deputado Maurício Rands, e mais outros membros dessa mesma Comissão, como os deputados André de Paula, Luís Piauhyllino, o senador Sérgio Guerra, mas as leis que defendem a regionalização e a descentralização não são votadas.

5. Entrevista com o cineasta e crítico de cinema do Jornal do Commercio Kleber Mendonça Filho⁷

Kleber Mendonça Filho, pernambucano, crítico e jornalista especializado em cinema. Escreve para o Jornal do Commercio e tem seu próprio *site* www.cinemascopio.com.br, onde disponibiliza sua produção jornalística dos últimos sete anos. Programa o Cinema da Fundaj.

Como realizador, começou fazendo vídeo ainda na UFPE, documentou o Movimento Mangue dos anos 90 e fez clipes para bandas como Mundo Livre S/A. *Enjaulado* (1997), em betacam / super 8, 38 min, ganhou prêmios de Melhor Ficção na Jornada da Bahia e Rio Cine 97. *A menina do algodão* (2003), mini-DV / 35 mm, 6', co-dirigido por Daniel Bandeira, é seu primeiro filme apresentado em 35 mm. O filme, feito com recursos dos dois diretores, custou R\$ 70 mil (setenta mil reais) na sua forma digital e R\$ 9 mil (nove mil reais) em 35 mm. Teve carreira nacional e internacional, ganhou onze prêmios.

Seu segundo filme, *Vinil verde* (2004), 35 mm, 16', composto por fotografias *still* 35 mm, ganhou mais de dezenove prêmios no Brasil e no exterior (Festival Internacional de Curtas de São Paulo, Festival de Brasília, Cine-PE, Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte, Festival de Cinema de Belém, Festival de Cinema Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira, Portugal, Cine Las Americas International Film Festival, Texas, EUA). Um novo projeto de roteiro, *Recife frio*, de Kleber Mendonça Filho, foi contemplado pelo Programa Cultural da Petrobras e encontra-se em fase de pré-produção. *Recife frio* é uma ficção científica. Kleber Mendonça Filho, cinemascopio@uol.com.br, (81) 9162-3289 e (81) 3341-4942.

Entrevista:

Por favor, faça uma análise do cinema pernambucano de 2003 até hoje?

Kleber Mendonça: O cinema pernambucano vive uma fase especial, uma fase que dá continuidade a um período que talvez tenha começado em 1993/94, quando houve um concurso de roteiro para curta-metragem na época, chamava-se Ary Severo. Daí surgiu uma leva de curta-metragem que deu início a essa nova fase, que se chama “Novo Cinema Pernambucano”. Filmes como *That's a lero-lero*, *Cachaça*, *Maracatu maracatus* foram feitos

⁷ MENDONÇA FILHO, Kleber. **Kleber Mendonça Filho:** depoimento [15 maio 2007]. Entrevistador: Williams Santos de Oliveira. Recife, 2007. 1 fita cassete (60 min). p. 1. (Entrevista concedida na Fundaj, Recife, PE). Mimeografado.

naquela época e se ao início dessa época, vamos notar que houve uma continuidade. É impossível não citar *Baile perfumado*, que foi feito em 95, foi lançado no Festival de Brasília em 96, chegou aos cinemas em 97 e é considerado uma espécie de marcador de época do cinema pernambucano. É uma fase que reinicia a produção do cinema em Pernambuco. Antes de *Baile perfumado* Pernambuco passou dezoito anos sem fazer sequer um longa-metragem. *Baile perfumado* é o filme que marca o início dessa nova fase do cinema pernambucano, a fase que estamos vivendo agora. Entre 2003 e 2006, houve um acúmulo de experiências, um acúmulo de filmes que foram funcionando ao longo de dez anos, nós temos agora uma espécie de segmentação da qualidade e da quantidade das produções cinematográficas em Pernambuco, muito embora isso para mim seja um mistério. Se você parar para analisar o porquê de Pernambuco se destacar no cenário brasileiro, vai achar um pouco misterioso, uma vez que nós não temos equipamento, não temos escolas, laboratórios, e de alguma forma a produção existe, ela funciona e o nível de acerto é muito alto, tanto de curta-metragem como de longa-metragem. Em dez anos, fizemos nove filmes, dez contando com um que vai se lançado ainda este ano e desses dez filmes eu diria que oito ou nove são destaques, viajaram, foram para festivais, ganharam prêmios e foram vistos nos cinemas no Brasil. Essa fase é marcada pela presença do Funcultura do Governo de Pernambuco, mas ainda continuamos sem uma política definida para o cinema.

Qual a importância da crítica para o cinema pernambucano?

Kleber Mendonça: É essencial, existem dois papéis. Ela, primeiro, tenta entender o que a produção tem feito, e penso que esse é o principal papel da crítica em qualquer lugar, em qualquer país, em qualquer cultura, em qualquer lugar onde exista uma produção artística. O crítico se debruça sobre a obra, sobre a produção e tenta entender o que move, o que guia aquela produção. Isso é muito interessante. Por outro lado é também uma mensageira, ela traz informações sobre a produção e cria um ambiente dentro da mídia que prova que a produção existe. Ela registra, documenta a produção. Nesse sentido é importantíssimo o papel da crítica, da imprensa. Eu analiso o que tem sido feito e como divulgar, como fazer esse trabalho se tornar conhecido dos eleitores. Que desperte nas pessoas a curiosidade a respeito do cinema que está sendo feito aqui. Seja longa, curta, seja 35 mm ou TV digital.

O senhor acha que o cinema pernambucano tem um público?

Kleber Mendonça: Tem sim. Já existe certa percepção por parte do público de que o cinema pernambucano é interessante, existe o Festival de Cinema do Recife, que é

nacionalmente conhecido como um festival de público e esse público vibra com a exibição dos filmes pernambucanos, existe um interesse pelo cinema pernambucano. Aqui na Fundaj, onde eu sou co-responsável pela programação, você percebe um interesse particular por filmes como, por exemplo, *Baixio das bestas*, *Cinema*, *aspirinas e urubus*, que nós exibimos recentemente. Mas ao mesmo tempo, percebemos que o público está sempre aberto para assistir a filmes interessantes, independentemente de serem pernambucanos ou não. Nós também exibimos filmes pernambucanos que não despertaram tanto interesse no público. O público quer ver o filme que lhe interessa, e se for pernambucano melhor ainda.

O senhor acha que o cinema pernambucano já tem uma linguagem própria?

Kleber Mendonça: Eu sempre fico em dúvida ao responder essa pergunta. Eu acho que não. Os realizadores se juntam para definir parâmetros de uma linguagem própria, mas eu observo, naqueles de fora de Pernambuco, em Festivais como de Brasília, do Rio, de São Paulo, como os gaúchos falam do cinema pernambucano, de certa forma eles identificam, há um certo “toque”, e isso não se restringe apenas ao sotaque, olhando bem, o cinema pernambucano possui uma das filmografias que mais falam em termos pessoais, de não ter medo de se expor ao fazer filmes pessoais, esse é um ponto que eu sinto falta no cinema brasileiro como num todo, mas que de uma certa forma me impressiona na produção pernambucana. Em termos gerais, penso que o cinema brasileiro é pré-moldado, até um filme autoral, da Globo, é pré-moldado. Ele se “comporta” de maneira tradicional. E o cinema pernambucano, tanto curta como longa, é mais solto, é mais livre, fala o que quer falar. Às vezes não é bem-sucedido, mas tem voz própria e isso é muito importante para o cinema.

Pernambuco tem políticas públicas para o cinema?

Kleber Mendonça: Não. Não tem. Existe uma movimentação atualmente no Governo de Eduardo Campos em torno disso. Houve uma tentativa de diálogo com os cineastas. É um fato inédito. Mas até agora não existe nada definido. Eu como realizador fui contemplado pelo Funcultura com dois filmes: *Vinil verde* e *Eletrodoméstico*, mas penso que o processo de edital, de escolha deve ser específico para a área do cinema. A estrutura não é muito preparada para discutir cinema, produção, todas as expressões artísticas de uma vez só, pode criar problemas nos setores segmentados das diferentes artes. Há questões bem delicadas ainda. Há uma cultura de apoio, mas está muito focada nas necessidades imediatas. Por exemplo, eu tive um filme selecionado para o Festival de Cannes, que é o festival mais importante do mundo, e tive que pedir ao Governo o “favor” de liberarem uma passagem para

eu representasse o filme no Festival de Cannes. Com a aceitação que os filmes pernambucanos vêm tendo nos festivais internacionais era para o Governo ter uma espécie de escritório que cuidasse desses assuntos relativos à cultura. Passa a sensação de estarmos sempre pedindo favor, quando de fato estamos representando o Estado na área de cultura. Isso prova que não há uma política montada. Há a boa vontade de indivíduos que trabalham na máquina. Essa boa vontade é importante, dá resultado, mas você como realizador, produtor, não deve ficar à mercê da boa vontade de ninguém. Se existisse uma política montada, esses processos seriam solucionados com uma visão profissional. O Funcultura nestes últimos quatro anos foi um pai e uma mãe. Todos esses filmes que se destacaram no cinema internacional e nacional, tiveram o apoio do Funcultura. Mas o mecanismo para mim continua sendo um mistério. Não sei como funciona. Eu trabalho com pessoas que conhecem essas leis melhor do que eu, mas nunca tenho a certeza de que o meu filme vai se encaixar na proposta do edital, naquilo que eles querem em termos de cinema.

O senhor acha que a crítica faz a cabeça do leitor?

Kleber Mendonça: Acho que a crítica influi, mas ela não deve “fazer a cabeça” do leitor. A crítica deve oferecer idéias, não deve definir as coisas de maneira absoluta, é opinião. Opinião é opinião. Mas eu creio que sim. Ela “faz a cabeça” do leitor.

O Recife tem bons cineastas?

Kleber Mendonça: Sim, o Recife tem bons cineastas. A produção dos últimos dez anos prova isso. O sucesso dos filmes em festivais prova isso, temos vários filmes vendidos para TVs estrangeiras.

E mão-de-obra técnica em Pernambuco?

Kleber Mendonça: Sim, há mão-de-obra técnica em Pernambuco.

E mão-de-obra artística?

Kleber Mendonça: Sim, mas precisa de escola.

6. Entrevista com atriz de cinema Hermila Guedes⁸

Hermila Guedes possui um currículo respeitável em cinema, com participação em filmes como: a) *O pedido* (1999), curta-metragem, direção Adelina Pontual, prêmios: Melhor Atriz, IV Festival de Cinema do Recife – 2000 e Melhor Atriz, X Cine Ceará – 2000; b) *Assombrações do Recife Velho* (2000), curta-metragem, baseado na obra de Gilberto Freyre; c) *A velha branca e o bode vermelho*, direção Adelina Pontual; d) *A casa da rua São João*, direção Lírío Ferreira; e) *O homem da mata* (2003), curta-metragem, direção Antonio Carrilho; f) *Cinema, aspirinas e urubus* (2003), longa-metragem, direção Marcelo Gomes; g) *Copo de leite* (2003), curta-metragem, direção William Cubits; h) *Entre paredes* (2004), curta-metragem, direção Eric Laurence, prêmios: Melhor Atriz, I Curta Canoa Quebrada – 2005, Melhor Atriz, Cine Esquema Novo Porto Alegre – 2006; i) *O céu de Suely* (2005), longa-metragem, direção Karim Aïnouz, Melhor Atriz, Festival do Rio – 2006, Melhor Atriz, 2º FestCine Goiânia – 2006, Melhor Atriz, 28º Festival Internacional Del Nuevo Cine Latino-Americano Havana – 2006, Melhor Atriz, 9º Festival de Cinema Brasileiro em Paris – 2007, Melhor Atriz, Voto da Crítica e do público, Festival SESC dos Melhores

Filmes – 2006, Melhor Atriz, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) – 2006; j) *Deserto feliz* (2006), longa-metragem, direção Paulo Caldas; h) *Baixio das bestas* (2006), longa-metragem, direção Cláudio Assis. Na televisão: *Por toda minha vida* (2006), Especial da Globo sobre Elis Regina, direção Ricardo Waddington e João Jardim.

Entrevista:

Como é que a senhora vê o cinema pernambucano?

Hermila Guedes: Eu tive a sorte de começar a minha carreira no cinema. Tenho dez anos de profissão. O meu primeiro filme foi *O pedido*. Foi no começo desse movimento novo do cinema pernambucano, com esse grupo jovem, Adelino Pontual, Cláudio Assis, João Júnior, a Rec Produtores, Marcelo Gomes, eles tinham acabado de fazer *Baile perfumado*, Lírío Ferreira e Paulo Caldas e também estavam produzindo curtas-metragens. Pelo que já li, o cinema pernambucano já foi muito famoso nos anos 40. O cinema pernambucano hoje é

⁸ GUEDES, Hermila. **Hermila Guedes:** depoimento [17 maio 2007]. Entrevistador: Williams Santos de Oliveira. Recife, 2007. 1 fita cassete (60 min). (Entrevista realizada na residência da atriz, em Olinda, PE). Mimeografado.

referência nacional. Está criando uma nova linguagem cinematográfica. Geralmente o cinema brasileiro é influenciado pelo cinema americano ou pelo cinema novela. E nós estamos criando um cinema diferente, que vai para fora do Brasil, mostrando nossa identidade, é superaceito em Cannes, Veneza. Todos os festivais nos quais eu estive, percebi que a aceitação foi muito positiva. Temos estrutura ideológica para crescer e melhorar.

A senhora acha que já existe um público para o cinema pernambucano?

Hermila Guedes: Depois do filme *Cinema, aspirinas e urubus*, penso que começou a se formar uma platéia, ou melhor, está se formando. Com uma bilheteria de cem mil espectadores, sendo a maioria em Pernambuco, já nos mostra que estamos no caminho certo. Estamos formando uma platéia para o cinema pernambucano.

Qual é o grande problema de ser atriz de cinema em Pernambuco?

Hermila Guedes: A minha experiência é a prática. Eu não tenho formação acadêmica. A minha interpretação é muito minimalista, introspectiva. Sou uma atriz que gosta de ser dirigida. Preciso de um diretor forte. Eu me enquadro no cinema, não tenho dificuldade de interpretação com o cinema. O teatro me inibe. Muitos olhos me olhando. A câmera, não. Talvez o maior problema é a quantidade de produções feitas e produzidas por ano. Financeiramente não é fácil viver só de cinema.

Como é a relação da atriz com o diretor no cinema?

Hermila Guedes: Eu sou uma atriz muito obediente. Gosto de ser dirigida. Quando não sou dirigida me sinto intranquã. Não sinto confiança no meu trabalho. Ser dirigida é bacana, porque o diretor está vendo o todo, ele sabe o que é bom para o filme. O Karim é um diretor que deixa uma atriz pelo avesso. Eu gosto. A relação atriz–diretor tem que ser de confiança, parceria, e eu sempre me entrego.

Quais os filmes que a senhora já fez?

Hermila Guedes: Nove filmes entre curtas e longas. O primeiro foi *O pedido*, curta-metragem, com direção de Delina Pontual; *Assombrações do Recife Velho*, Projeto Gilberto Freyre, direção do Lírio Ferreira; *Entre paredes*, dirigido por Erick Lauresse; *O homem da mata*, documentário de ficção, direção de Antônio Carrilho; *Copo de leite*, direção de William Kooock, e os longas, *Cinema, aspirinas e urubus*, direção de Marcelo Gomes; *O céu de Suely*,

de Karin; *O baixio das bestas*, direção de Cláudio Assis; *Deserto feliz*, direção de Paulo Caldas.

Para a senhora, qual a importância do cinema da Fundação Joaquim Nabuco?

Hermila Guedes: É maravilhoso, porque o pernambucano pode assistir às produções alternativas, aos documentários, aos filmes culturais e ver a sua identidade. É um espaço que já tem uma platéia formada para o cinema cultura. Cinema arte. É um lugar em que podemos falar de cinema pernambucano e assistir às produções pernambucanas. É bacana. É um cinema de bilheteria popular.

A crítica a incomoda? A senhora acha importante um crítico de cinema?

Hermila Guedes: Até agora a crítica foi superlegal comigo. Se existe crítica é porque já existem produções importantes no cinema pernambucano. Não gosto de comparações. Por exemplo, se no filme *O céu de Suely* eu tive uma interpretação forte, em outros filmes a relação com o personagem pode ser diferente, daí o crítico fazer comparação fica esquisito. Cada filme é um filme. Os personagens são únicos. Mas é importante ter crítica. E se for positiva melhor ainda.

A senhora acha que o governo deveria ter uma política cultural mais forte para o cinema em Pernambuco?

Hermila Guedes: Lógico que sim. Mas penso também que está melhorando. Está havendo mais investimentos e projetos com foco no cinema. Não é suficiente, mas vem melhorando.

A senhora acha importante haver uma escola de cinema no Recife?

Hermila Guedes: É de extrema importância. Precisamos de mão-de-obra especializada. Técnicos, maquiadores, figurinistas, iluminadores, sonoplastas, câmeras, diretores, atores, enfim, precisamos estudar.

* Submissão: 09/05/2010
Aceite: 15/05/2010